

## MISTER EVEN

### ANTONIO MARCELLO DA SILVA

Mr. Even...

Na época, quase ninguém, muito menos eu, que nunca fui íntimo do idioma de Shakespeare, percebi que ao assinar com tal pseudônimo o meu primeiro artigo para o recém-criado **Monte Sião**, *Prejuízos do Cavalheirismo*, tão bom que figurou como editorial do no 8, de 30 de abril de 1958, Ivan não mudou de nome, apenas alterou sua grafia e acentuação, transferindo a tônica para a primeira sílaba. Com efeito, a pronúncia correta do adjetivo, advérbio e verbo inglês *even*, que, substantivado, significa *evening*, entardecer, é “ívan”, mas, como não sabíamos disso, nós nos referíamos a ele como Mr. Éven.

Depois desse, Mr. Even ainda colaborou com outro editorial, *O Amor*, e dois contos, *Baile das Debutantes* e *Pedido de Casamento*, antes de integrar o corpo editorial do quinzenário com a coluna, *Monte Sião de Hoje*, a partir do no 17, de 15 de setembro de 1958, ao lado da *Monte Sião de Outras Eras...*, de Pascoal Andreta. Até então, nosso cronista urbano era o Coletor Federal Jairo Pimentel, o Le Piment, redator chefe e criador da coluna *A Cidade*.

Quando, semanas antes, Jairo me avisara que ia deixar a coluna, por ter sido promovido para a coletoria de um município paulista, fiquei sem saber quem poderia substituí-lo e fui pedir socorro ao Pascoal. Se bem

me lembro, Pascoal, ciente da saída de Jairo, já tinha pensado no Ivan, que, segundo ele, além de cirurgião dentista, escritor, violonista, cantor e jogador de futebol, era muito querido pelos jovens monte-sionenses e, dentre nossos colaboradores, quem melhor conhecia a cidade e seus habitantes. Assim, fomos conversar com ele, que, depois de relutar um pouco, acabou cedendo aos argumentos de Pascoal e sugeriu o título *Monte Sião de Hoje*, para combinar com o da coluna do “Mestre”.

Na sua marota crônica inaugural, Mr. Even abordou a necessidade de o homem que luta pela vida deleitar-se com uma atividade mais aprazível, no caso de seus conterrâneos, a pesca amadora. E, depois de os classificar como verdadeiros piraquaras, continua: “*Todas as tardes, durante o verão, surgem, dos mais recônditos cantos da cidade, figuras pitorescas, tão desengonçadas que nos fazem lembrar do Dioguinho\* e do Lampião, vestidas de botas, calças rancheiras, chapéu desabado, espingarda, samburá, algumas varas, farolete, minhoca, faca, facão, sanduiche, tudo num só homem que mais parece um bandeirante ou um armazém de secos e molhados*”.

Todas essas “*grotescas figuras*” têm seus segredos para assegurar o sucesso da pescaria, como o Waldomiro, que cospe três vezes na minhoca antes de oferecer-lá aos bagres, e o Zé Guireli, para quem é preciso conversar com a minhoca numa língua europeia, a

francesa de preferência. E são vários os seus tipos: os metódicos, que vão mais cedo para preparar os poços; os relaxados, “*que levam 12 linhas, perdem todas e ainda caem n’água*”; os comodistas, como o Acácio, que roçam tudo em volta do lugar escolhido, inclusive a própria vara de pesca; e os que, como o Waldemar, só deixam a beira d’água quando conseguem acumular mais peixes que seus companheiros. Mas, acrescenta: “*Dos pescadores tradicionais, dois há que não podem faltar a nenhuma peixada: o Ramiro e o Toninho, que, além de excelentes ‘martins’, são dois mestres-cucas*”.

É admissível que, jovem e com tantas atividades prazerosas a seu dispor, Ivan encarasse com certa ironia a estática pesca de barranco. Todavia, com o passar do tempo e o crescente peso das responsabilidades acabou reconhecendo o valor de sua contribuição para os que labutam a fim de manter a própria e a subsistência de suas famílias possam recuperar “*a calma e a paz de espírito que o azáfama da vida agitada e as preocupações diárias a todo o momento lhes roubam*”. E assim, tornou-se ele próprio um piraquara que pelo menos uma vez por ano passava dias nos meandros do pantanal mato-grossense.

**Nota do autor: \*Diogo da Rocha Ferreira, famoso bandido paulista, responsável por mais de 50 homicídios, que no final do século XIX aterrorizou o interior do Estado de São Paulo e acabou sendo morto nas cercanias de Bom Repouso (MG) pela força tarefa que o perseguia.**

## Orfandade

### JOSÉ AYRTON LABEGALINI PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO CULTURAL PASCOAL ANDRETA

Desde a fundação do Jornal Monte Sião (JMS) em 1958, da instituição da Fundação Cultural Pascoal Andreta (FCPA) em 1982 e da constituição do Museu Histórico e Geográfico (MHGMS) em 1983, muitas pessoas importantes nos processos já se foram desta vida. Da direção do JMS já se foram o Pascoal Andreta, que emprestou o nome à Fundação e o Ugo Labegalini; dos instituidores da FCPA já não estão mais por aqui o Antonio Dalosso (o Toninho da Fábrica), o João Fernando Zucato, o José Bassi, o Luiz Vivaldo Faraco, o Rubens Zucato e o Walter Shimoda; dentre os fundadores que compuseram a célula-máter da constituição do MHGMS já nos deixaram o Lourenço Guireli Júnior (o Lola, prefeito em 1982), o Segismundo Gotardelo (o Cid) e o Carlos Faraco (o construtor da caverna do museu). No dia 09 de agosto passado foi a vez do Ivan Mariano Silva responder à chamada feita lá nas alturas.

Lá se foi o Seu Ivan, o dentista da minha infância e juventude, o Diretor do Ginásio “Monte Sião”, o ideali-

zador do nosso Museu e seu Curador, membro nato do Conselho Curador da FCPA, o esteio do Jornal Monte Sião, ícone da preservação da nossa cultura, exemplo de humildade e ética, corretor dos meus escritos e, no meio de muitos outros atributos, um amigo inestimável.

Há pessoas que morrem e suas ausências nem mesmo são sentidas, para outras a falta é sentida apenas na família ou no grupo de convívio, para outras ainda a falta se faz na sociedade. Tem um ditado popular que diz “Ninguém é insubstituível”, realmente, substituir as funções de alguém que se vai pode até não ser fácil, mas sempre é possível, assim, ainda dentro do mês de agosto, definimos o substituto do Ivan na Curadoria do Museu e na condução do Jornal; no entanto, a substituição do seu pensamento e da sua filosofia de atuação nessas entidades é muito mais complicada, provavelmente impossível. Na mesma reunião em que os substitutos foram escolhidos, o número de membros no Conselho Curador da Fundação foi diminuído de um, não somente por força dos estatutos, mas sim, e principalmente, pelo Ivan ser insubstituível para os propósitos da Fundação; não há como preencher o vazio deixado por ele.

Ivan, você se foi há tão pouco, mas já dá saudade e

nos faz falta. Na escola, quem chamaremos no seu lugar para a “Contação de causos” nas aulas de redação? Na Fundação, quem ouviremos como o fiel da balança da ética, da moralidade, do bom senso e das atitudes a serem tomadas? Nos encontros semanais de quartas-feiras à noite, para comer peixe frito, quem nos fará rir? Você que aqui nas terras de Monte Sião sempre incentivou o ensino, batalhou pela cultura e foi pronto quando solicitado, continue daí onde está, nas proximidades do Senhor, a cuidar da “nossa terra” e da “nossa gente” através da preservação do que nós fazemos e somos, para podermos um dia imitar a magnitude do que você fez e foi.

A morte do Ivan pesa para a família, o primeiro grupo a sentir sua falta; pesa para os amigos, grupo em que me incluo; pesa também para a cidade e aqui incluo a Fundação enquanto entidade. Há poucos dias antes de completar o terceiro aniversário de morte do meu pai, lá se foi o Ivan ao encontro dele e de todos os citados acima; particularmente sua morte me pesa muito, pois deixo de ter o consultor dos momentos difíceis da Fundação, o amigo de confidências, o corretor dos meus textos (este é o meu primeiro artigo para o JMS sem a correção do Ivan); pela segunda vez na vida tive o sentimento da orfandade.

## Palavras tristes

### TAIS FARACO

Eu escrevo triste.

Não gosto de escrever triste.

As palavras saem inconformadas, pessimistas e com medo de viver.

Elas são escritas e apagadas, escritas e apagadas. Vivem e morrem, rapidamente.

Algumas se perguntam o porquê de não terem sido escolhidas para viver.

São inconformadas porque não conseguem lidar com o silêncio. Com a falta de respostas. Com a ausência.

Para as palavras, alguém se calar com tanto a dizer é um sacrilégio. Ofensa das profundas.

É morte.

Porque elas querem existir. E o silêncio engole.

No princípio, era o Verbo.

O Verbo puxou a ação no mundo. Foi do verbo que as palavras ansiaram por existir, compor todas as frases como numa dança e valsar pela vida.

As palavras são o instrumento de Deus.

Com elas as pessoas podem rir, chorar, acalmar, machucar, ajudar. Fazer pensar.

Às vezes nos lembramos de alguém só pelas suas palavras.

Às vezes pessoas partem desse mundo deixando somente as palavras, eternas. Um mês atrás. Um ano, cinquenta anos,

duzentos anos.

Conhecemos Buda pelas palavras. E tantas outras pessoas.

Então quando uma pessoa morre, as palavras congelam. Param no tempo e passam a existir por si só. Cessou-se o Verbo.

A partir deste ponto para frente, o que quer que se faça com essas palavras serão apenas variadas facetas de um mesmo funeral.

\*

Eu escrevo triste, mas eu estou viva.

E enquanto eu viver, não quero me calar.

Minhas palavras vão falar de muitos sonhos e memórias que servirão para as pessoas se lembrarem do que quer que já tenha sido ou existido.

Minhas palavras reverberam afetos de pessoas que já não estão mais aqui: minha mãe e meu nono, o seu Ivan.

Minhas palavras carregam dor e alegria, tudo ao mesmo tempo. São ensimesmadas, mas também querem explodir e espalhar-se pelo ar.

Elas querem dizer que essa que vos escreve sentirá - para sempre - saudade dessas pessoas que um dia estiveram por trás de tantas palavras afetuosas, engraçadas e alegres. É estranho seus Verbos terem cessado. E viver no silêncio de suas falas.

À minha mãe Lucila (que eu não poderia deixar de falar) e ao meu nono Ivan, meu mais profundo e sincero abraço do lado de cá, na tentativa de falar com palavras o que eu mais sentirei falta de fazer na vida. Sempre amarei vocês.

### Dor e saudade

#### J. CLAUDIO FARACO

Você já pensou em escrever ou falar sobre o Universo? É muito difícil, não? O assunto é vasto e extrapola nosso conhecimento e vocabulário. Assim como é obscuro falar sobre os oceanos. Quem o faria com total segurança?

Pois bem, este é o meu grande impasse, mas a questão não recai sobre o universo nem sobre os oceanos. É sobre o Ivan, um inestimável amigo que eu julgava imortal dada sua extrema importância para todos nós que tivemos o privilégio de vivermos circulando em sua órbita. Ele era o Sol e, nós, os planetinhas. Ele o amigo e paizão, nós, seus filhos que o ouvíamos atentamente, acatávamos seus conselhos, seu direcionamento e sua paz em forma de palavras. Em outros momentos, ríamos muito com suas piadas, causos e acontecimentos pitorescos.

Ivan era a memória viva e a cultura incontestada de Monte Sião, sua história, personagens e lembranças.

Mas, e agora o que sobrou? Uma imensa dor e saudade tão grandes como o Universo e tão sombrias e tristes como o fundo dos oceanos...

## IVAN MARIANO

## ARLINDO BELLINI

Foram poucas vezes que o encontramos, quando aportava na redação do Jornal “Tribuna de Itapira”, vindo buscar os pacotes com o Jornal “Monte Sião”, que a gráfica imprimia no fim de cada mês.

Proseava meditando as palavras e como de costume deixava alguns exemplares do jornal “Monte Sião” que circula desde 1958, há precisamente 62 anos, cujas matérias se tornaram do agrado não só dos moradores da bela cidade do sul de Minas Gerais, mas de outras tantas onde as remessas são feitas pelos Correios. Modestamente algumas poesias (se é este o termo correto para os escritos em forma de versos) foram publicados no jornal “Monte Sião”, a maioria procurando narrar fatos e nomes da gente dessa terra abençoada por Nossa Senhora da Medalha.

Das últimas vezes quem

veio pegar os jornais foi o Luiz Fracarolli (itapirense de tradicionais famílias) e o Faraco e procurando saber do Ivan, respondiam que ele não foi daquela vez buscar a edição mensal do jornal. Pedimos que levasse um abraço amigo ao amigo mineiro.

Nem sempre as datas festivas ou comemorativas nos trazem alegria. As vezes tristezas, dissabores, pesares. Parecem até coadunar, como a apagar velhos costumes, marcas que estavam inseridas dentro do mais fundo do coração. Foi o que aconteceu naquele domingo de agosto o segundo, dia 9, por sinal data em que comemora o “Dia dos Pais”.

Parece que já estava demarcado aquele domingo do mês de agosto, para que ele desse suas despedidas, seus últimos olhares para quem tanto o amava, a família, seus amigos e todos aqueles que mesmo o conhecendo de longe e o tendo visto raramente, se con-

doeram com a sua partida.

Estamos empobrecidos, ainda mais quando não veremos suas crônicas por meio do “Monte Sião”. Quem se darão trabalho de esmiuçar as pescarias do Godinho e suas patacoadas, mesmo que um novo articulista se preste muito bem para tanto? Dificilmente alguém como ele sabia entrelaçar as palavras com os fatos e assim, dando maior ênfase aos acontecimentos, mesmo que fosse um pequeno lambari servindo como isca para um dourado... Jamais o IVAN será repetido, será protagonizado por outro do mesmo naipe, pois sua verve e sua pena brilhante extrapolavam os limites da imaginação.

Gostaria de poder ter feito parte daqueles que moravam na Rua Direita, aliás de todos os moradores de Monte Sião. Como ele descreveu muito bem e se condeou quanto aos nomes daquela via. O que importava para ele era a sua e de

todos, aquela, via. “Que se lixem. Ambas. Cambada”. “Tenho razão de detestar a XV de novembro e a Tancredo Neves”. Assim ele se manifestou em seu artigo de primeira página sobre a “Rua Direita”, edição de agosto do “Monte Sião, que foi lido em um piscar de olhos e quando a sua crônica finalizou, como gostaria de que ao virar a página e na segunda, encontrar a continuação do texto bem elaborado, com citações de nomes, datas, fatos acontecidos por lá.

Ivan, que a sua e de todos, a Rua Direita, continue a exalar perfume, a marcar passos e compassos daquele que nela habitaram e tiveram seus pontos comerciais, casas residenciais, pedaços de um passado distinto e de muito saudosismo.

Você, como ninguém se impressionou com tão pouco para alguns, mas muito para tantos outros, pois sua pena brilhante jamais foi direcionada para buscar ou

soar dividendos, mas apenas para registrar toda uma trajetória de vida, uma vida pautada para legar aos seus oque de melhor se pode ser legado: a educação, a amizade, a honradez, o companheirismo e o regate de um passado, que mesmo tenha sido de muito labor e sacrifícios, pode ser inserido dos anais históricos de uma cidade fundada e alicerçada sobre pedras, onde não será qualquer ventinho sibilante que fará ruir o que foi construído na fé imorredoura de um povo trabalhador e confiante e tudo que poderá ser engrandecido quando se tem o amor e a perseverança dentro do coração.

E a partir, daquele domingo, nove de agosto de 2020, Monte Sião, não será a mesma, assim como também todos aqueles que o conhecendo aprenderam a admirar-lo desinteressadamente, pois IVAN MARIANO DA SILVA, ou simplesmente IVAN, se tratava de um ser huma-

no que raciocinava com a alma, o que lhe conferiu sempre colher frutos inestimáveis, os quais podem ter suas sementes germinadas em solo fértil, mesmo que as intempéries lhes castiguem boa parte. O resto frutificará cento por um.

Um adeus amigo IVAN... que seus ensinamentos caem fundo em todos os que tiveram o privilégio de conviver ao seu lado ou mesmo distante, como o caso deste articulista, que o tendo conhecido tardiamente, nem por isso deixou de ser aquirido por legados que jamais serão esquecidos.

Impossível andarmos pela Rua Direita, e não seguir seus passos ...

Sentidas condolências aos seus familiares e ao povo de Monte Sião.

Uma eternidade toda para quem na terra se eternizou em bondade!

## O mundo é um ovo: o perigo que vem de longe

## JOSÉ ALAÉRCIO ZAMUNER

O chão era ermo dos demasiados: ficava no limite dos tempos móveis e geográficos dos seres: encravados entre serras, monte, barrocas, cavernas, com um fundo cenário Morro Pelado subindo a expressivos céus. Caminhos de burros bravos e homens da mesma qualidade em troparias, são riscos sinuosos por esse cenário que, fosse um tanto antes, bem nos tempos da formação das coisas: bem que se poderia ver deuses Hêlades reinando seus duplos reinos por estas paragens; bem que se poderia ver raça Cayapó banhando-se em Águas Termais de vapor torrente de quente; bem que se poderia ver um curupira vagando despreocupado por entre bosques de pitangueiras da Cuca Fresca, ou banhando-se sossegado nas Águas da Mãe D'Água.

Mas não; ou quase misturado a esse cenário exótico.

Neste agora entediava mais o tempo de homens reais que pisavam este chão de pura terra braba. Outro dia, mesmo, o Dito Pinto saiu do Sertão e veio pro centro das Termas, nem desmontou de montado que estava e entrou no bar do Edson Davi com animal e tudo: Dá uma Moreninha, ai! Pouco antes um crime feroz, no Tártaro base Morro Pelado: pai Menonmatou filha numa santa ceia de jantar, bem no badalar: às 6 horas de um junho pingante gelo do céu, parecendo faca... aguda, afiada.

Vai então que nesse quando um homem chega a Cantare. Logo esse povo espalha um diz-que-diz-que de perigo: que parece sujeito tropeiro; que parece vindo dos fundões de Minas Gerais; que tropeiro é sempre gente valente; que traz um quicé na cinta da cintura; que, por que sempre sobe assoviando?, que tanto assovia, esse! Ninguém viu, mas os calos de suas mãos partiam pele dural e pediam

mais brutas rachaduras: disse a Vera do Miro.

Subiu sondar lugar da nova morada: passos cuidados sob olhares de um tudo estável estragado: olhões de feições pendurados nas janelas, o vendeiro carregado de carrancas dobradas no balcão: crianças e moças não havia; nenhuma... Não portou, passou nos passos firmes, olhos retos subindo estrada partida de terra batida nas pegadas dos pés dos homens e animais em charretes eteceteras e todos os lados vinham cenas repetidas: os homens mugiam! Continuou caminho, janelas firmes nos olhos: quem é esse?... Um tanto sombra do mal, que Dona Nega do Bastião Pir se esgueirou pela parede encosta da casa, pegou seu cãozinho que queria latir, afagou-o em seus braços e entrou: Maldade gente assim! Não foi nada, só gente estranha nesse Santo lugar. Veio comprar pão, só isso...

É para as crianças que

pedem pão; um cão pede pão. Já um Santo pede canção, sabia, Dona Nega? Pensou em falar isso, mas nada falou.

Depois, desceu aquele chão que parecia de São João: Imagine, um tempo de festa desse, e este chão sem cantoria; nem de passarinhos: assim a vida anda errada. Veio outro dia, veio a tarde, daí veio buscar o pão da vida. Subiu resoluto aquele tempo e aquele impensado chão de São João que vibrava o ar; vibrava!... portanto, dessa vez portava um violão: que isso que traz nas mãos, que perigo! Disseram os vários olhares bélicos. Entrou na venda, entregou a lista do mantimento. A venda era do Cidadão: que tremia em vara verde! Sentou-se, enrolou um cigarro, triscou fogo, acendeu-o e puxou uma bela tragada..., ... Ajeitou-se ao violão e garrou a tocar; 6 horas da tarde: Ave Maria, de Schubert, Schubert choveu ponteio: Ponteou,

Ponteou e Ponteou: e cantou bonito todas as canções daquelas roças de São João que o povo quase não se lembrava. E tudo transtornou mentes em sangue em bolia crescente de sublime alegria..., ...: Páááá!!!.... Explosão de canções: No Rancho Fundo!... Nestes versos tão singelos!... Quando eu te conheci.../ Boneca Cobiçada... Adeus, adeus, adeus/ Cinco Letras que Choram!... Juntou povo, juntou povo em êxtase: pera aí, o que é êxtase, cantor?? (...) Parou de cantar. Agora era Era uma vez, de quando... contou estórias. Pode trazer as crianças? Venham!... Vieram as crianças dos fundões das casas, rindo as alegrias escondidas nelas; rindo muito. Parou, cantou novamente: Eu não troco meu ranchinho/amarradinho de cipó... Olha pro céu, meu amor... De repente, vêm vozes num coro meninas 5 Bachianas..., ... Lindo, moço, cante mais. Brotaram outras antigas pessoas, dos fundos

dos cafundós, rostos vindos transpostos em plácidos risos brilhantes olhos que derramavam esperança de ver os afetos nos seres: o afeto, o afeto!... Pode dizer por que que a gente chora de alegria, cantor?

Quando chegou o dia da igreja, os Santos desceram dos pedestais e cantaram salmos, hinos louvando o sagrado momento: ouvia-se o som da voz de cada um daquele chão elevar-se aos céus: cada um! Como é lindo de sagrado, nosso cantar, cantor!

Nas roças, ao raiar do dia, puderam ouvir, de então, o som do vento nas árvores, o som dos pássaros e dos bichos e dos cantos das gentes. O mundo é assim, todo cheio de sons, cantos e gestos maleáveis, nosso cantor? Qual é sua graça?

Zico Tropeiro. É assim, sim, o mundo é sempre repleto de sons: vozes e cantos. Sem música, o mundo não presta. Aprendi isso com meu pai.

## EXPEDIENTE

**ENTIDADE MANTENEDORA:** Fundação Cultural Pascoal Andreta

**Fundador** – Antonio Marcello da Silva

**Diretores** – Antônio Marcello da Silva (1958-1962); Pascoal Andreta (1962-1972); Ugo Labegalini (1972-2012); Ivan Mariano Silva (2012 - 2020).

**Conselho Administrativo** – Bernardo de Oliveira Bernardi, Diogo Labegalini de Castro, José Cláudio Faraco e Alessandra Mariano Silva Martins.

**Diagramação** – Luis Tucci - MTb 18938/MG

**Fotografia** – José Cláudio Faraco

**Direção financeira** – Charles Cétolo

**Secretário de Redação** – Carlos Alberto Martins

**Jornalista responsável** – Simone Travagin Labegalini (MTb 3304 – PR)

**Colaboradores** – Aroldo Comune, Antonio Edmar Guirelli, Antonio Marcello da Silva, Bernardo de Oliveira Bernardi, Eraldo Monteiro, Ismael Rielli, Ivan Mariano Silva, Jaime Gotardelo, José Alaércio Zamuner, José Antonio Andreta, José Antonio Zechin, José Ayrton Labegalini, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco, Luis Augusto Tucci, Luiz Antonio Genghini, Luis Fraccaroli, Matheus Zucato Robert, Tais Godoi Faraco, Zeza Amaral.

Colaborações ocasionais serão apreciadas pelo Conselho Administrativo do jornal que julgará a conveniência da sua publicação. O texto deverá vir assinado e acompanhado do RG, endereço e telefone do autor, para eventual contato. Cartas enviadas à redação, para que sejam publicadas, deverão seguir as mesmas normas.

Toda matéria deverá ser enviada até o dia 20 do mês (se possível através de e-mail) data em que o jornal é fechado.

**Redação:** Rua Maurício Zucato, 115 – Fone (35) 3465-2467

Monte Sião fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pelo censo de 2010, conta com 20 870 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

[jornal.montesiao@fundacaopascoalandreta.com.br](mailto:jornal.montesiao@fundacaopascoalandreta.com.br)

Supermercado e Casa de Carnes

**Oliveira**

A melhor carne da região!

Pça. Renato Franco Bueno, 80 - Centro - Monte Sião - MG - Cep 37580-000

(35) 3465 1817 / 3465 2109

**MAZA**

**ALINHAMENTO E BALANCEAMENTO DE RODAS, ESCAPAMENTOS, AMORTECEDORES, BATERIAS**

**PNEUS**

**RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38 (ANTIGO MATADOURO) 3465-5463**

**MECÂNICA NETOS**

nacionais e importados nacionais e importados

Fone: (35) 3465 2772

Rua Jair Zucato, 136 - Centro (Praínia)

Ernesto A. G. Bacellar Engº Mecânico Automobilístico

Monte Sião - MG CEP 37580-000

**DELTA FOTO**

**PAPELARIA**

Mania de vender mais barato!!!

Material Escolar e para Escritório

Suplementos para Informática

Cartuchos compatíveis e remanufaturados

Fotos 3 X 4 na hora

A MELHOR E MAIS BARATA

REVELAÇÃO ANALÓGICA E DIGITAL 24 HORAS

**35 3465-3124**

**Av. das Fontes, 136-C - Monte Sião**

**SUPERMERCADO SHIMODA**

Onde seu dinheiro compra mais

Avenida Brasil, 205 - Fone 35 3465-1300

Rua Tancredo Neves, 300 - Fone 35 3465-1175

Monte Sião - Minas Gerais

**DROGARIAS ULTRA**

**POPULAR**

Rua Presidente Tancredo Neves, 373 - Centro (em frente ao Itadi) (35) 3465-1120 / 3465-5633 Monte Sião/MG

Rua Argentina, 19 - Centro (no Balaio) (19) 3924-1196 Águas de Lindoia/SP

**dynamise**

Farmácia de Manipulação e Produtos Naturais

(35) 3465 2060 (35) 98815 2060

Rua Abílio Zucato | 274 | Monte Sião | MG

dynamisemanipulacao Dynamise Farmácia de Manipulação www.dynamisemanipulacao.com.br

Programe sua festa - nós temos o local!

**RESTAURANTE DA LICINHA**

Espaço para 250 pessoas

Km 6 da Rod. M.Siã - O.Fino - (35)3465 1355 - 9 9114 9447

# “AS PESSOAS NÃO MORREM, FICAM ENCANTADAS”: ALGUMAS PALAVRAS SOBRE O SEU IVAN MARIANO SILVA

**CAROLINA NASSAR  
GOUVÊA**

Neste domingo, o dia terminou mais triste em Monte Sião, em razão da partida do seu Ivan. Por morar há pouco tempo aqui, não o conheci tão bem quanto tanta gente, mas o curto tempo no qual estive em contato foi o suficiente para notar que, sim, ainda há pessoas que nos encantam com palavras, cultura, crônicas, bondade e mansidão.

Quando eu me mudei para Monte Sião, algo que me chamou a atenção foi a existência de um jornal, denominado jornal Monte Sião, que não tem por objetivo trazer más notícias, falar de crimes, política etc. Trata-se de uma rica experiência literária na qual os colaboradores têm a oportunidade de publicar crônicas, contos, poemas, enfim, propagar cultura e literatura. Conheci o jornal antes de conhecer o Ivan. Conhe-

cendo-o, compreendi que projetos de tanta grandeza assim só poderiam partir de pessoas como ele.

Em dezembro do ano passado, foi necessário publicar o texto finalista da Olimpíada de Língua Portuguesa, escrito por minha ex-aluna, Ana Paula Comuni, nos jornais da cidade. Tentei contato por e-mail com o jornal Monte Sião, mas não deu certo. Felizmente isso aconteceu. Se por e-mail não deu certo, eu precisaria falar com alguém pessoalmente e, em razão disso, acabei conhecendo o seu Ivan que se prontificou a divulgar o texto.

Dentre tantas coisas que conversamos, falamos sobre a possibilidade de eu também enviar textos ao jornal. Era nossa segunda ou terceira conversa, ficou muito claro que era preciso, na opinião dele, mais do que divulgar poemas, contos ou crônicas, é necessário falar sobre o negro, sobre as mu-

lheres, desmistificar conceitos tão deturpados na sociedade como o feminismo e suscitar reflexões sobre os direitos negados às minorias. Neste contexto, pude perceber que o seu Ivan conhece mais do que ninguém as funções da literatura: primeiro porque a literatura possui um papel essencial na construção do homem no exercício de sua cidadania (Por meio do texto literário cada um pode entender a si mesmo) e também porque “socialmente, um livro pode representar as alegrias, as dores, as lutas das pessoas. Essas pessoas, representam um grupo, uma cidade, um jeito e uma forma de viver”. As crônicas escritas por ele revelam essa forma de viver, especialmente dos monte-sionenses. Por fim, a literatura também tem uma função política (“Há uma voz política em toda obra literária. Algumas de forma mais clara; outras que caem mais na percepção cogni-

tiva, catártica e estética do leitor”).

Depois, bem recentemente, pude ler seu livro de crônicas. As crônicas escritas no jornal transformaram-se em um livro. À medida que fui lendo, conheci melhor Monte Sião, conheci personagens de Monte Sião e o próprio Ivan. Lá ele fala sobre o “nonno”, a “nonna”, traquinagens, a rua que mudou de nome, dentre tantas outras histórias. Conversamos sobre a revisão do livro e eu conversaria com ele depois, novamente. Porém, não deu tempo de dizer a ele que o livro é uma relíquia. Não é apenas mais um livro de crônicas e não seria exagero dizer que deve ser considerado um documento histórico de personagens e acontecimentos que fazem parte da história de Monte Sião.

Não deu tempo de dizer o quanto ele é excelente em captar fatos do cotidiano e

transformar um acontecimento em uma história que nos faz viajar no passado e, querer, no presente conhecer mais e mais Monte Sião por meio das impressões registradas por esse escritor. Não deu tempo de falar sobre como foi genial a ideia de preservar a escrita de algumas palavras, fora da norma-padrão, a fim de valorizar as variantes que compuseram a história da cidade. Seu Ivan não era linguista, não era professor de Língua Portuguesa, no entanto, mais do que ninguém, soube valorizar as variantes na fala. Se pudesse conversar com Manuel Bandeira, talvez ambos falariam sobre o poema Evocação do Recife: A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros/Vinha da boca do povo na língua errada do povo/Língua certa do povo/ Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil/Ao passo que nós/O que faze-

mos/É macaquear/A sintaxe lusiada.

Agora sei que também conhecia pouco Monte Sião, conheci pouco o seu Ivan e sei que ele é muito mais do que este pequeno texto mostra. Seria audacioso querer trazer em pouco mais de uma página tantos feitos importantes para a história da cidade, como a construção do museu e o tempo dedicado à Fundação Cultural Pascoal Andreta.

Guimarães Rosa diz que “As pessoas não morrem, ficam encantadas”. E acredito que a eternidade seja mesmo um encanto. E, se é possível estender a eternidade aqui na Terra, isso só acontece porque há pessoas capazes de encantar as outras com sua presença, suas palavras, sua meiguice, delicadeza e gentileza. Assim foi o seu Ivan: em vida, encantou muitas pessoas e, agora, está encantado.

## A segunda face

**MATHEUS ZUCATO**

Os dedos já doíam da força que faziam para esticarem a pele do rosto. Agora, esticava as peles dos cantos dos olhos e tentava o intermédio entre as rugas a aparecerem ou os olhos a tornarem-se artificialmente puxados. Cansada, afrouxou os dedos e a pele voltou ao estado natural, marcadas em vermelho nos pontos onde os dedos serviram de grampo.

A pele flácida zombava dela, silenciosamente. Velas derretidas a escorrem os

anos de mais rigidez; uma chama de décadas que lentamente descia no corpo da idade e cujo brilho vacilava entre os sopros que a vida dava. Temia tanto o escuro, mas não o escuro da morte, ao contrário, ela era temerosa do escuro que a vida podia ter quando então os olhos do público a encarassem com complacência. Nada era pior do que a complacência. E se a voz do povo era a voz de Deus, assim se transformavam os olhos humanos em divinos. Pior do que a complacência popular seria, portanto, a

complacência de Deus.

Diante de tal ideia, lembrou dos anos em que seu brilho tinha um poder ofuscante. Lembrou dos bailes de clube, das paqueras à distância e dos convites para uma dança. Tocou os cabelos finos, tingidos de pura luxúria, substitutos dos cachos loiros que a embelezavam-na como a uma deusa romana. Perguntou-se onde estava a eterna primavera.

Ela delineou os traços do rosto de que tanto orgulhara-se em outros tempos e que, agora, queria arrancar

com as unhas: uma sincera vontade de arrancar cada fiapo daquele tecido de linho que lhe trouxe, subitamente, a imagem de um papiro egípcio preenchido de hieróglifos mágicos. Desejou possuir o Livro dos Mortos para trazer de volta à vida o esplendor. Resignada, começou a maquiarse.

Pois ela era a madame, a senhora de luxo, e ninguém na cidade ousaria contestar a classe dos eventos culturais que frequentava: os bailes retrô; as inaugurações; os vários jantares para os quais era convidada, como fosse um

aparato de magnificência, o veredito da grandiosidade de qualquer ocasião festiva. Pôs a peruca de louros cachos reluzentes.

Mecanicamente, olhou-se no espelho. A maquiagem bela e pomposa embelezava o seu templo. Terminou os últimos retoques naquele quadro vivo que pintava de forma tão morta. O batom dançava nos dedos grossos de unhas pintadas e, quase perfeita, sentiu que um véu cobria seu fulgor, pois naquele rosto não conseguiu pintar um sorriso, que se esvaia a cada intenção. Com as pontas dos dedos, esticou a pele de forma a produzir um sorriso circense na boca ainda não pincelada. Assim ficou até os dedos se cansarem e deixarem livre um sorriso

que voou para longe inexistindo-se.

Lançou o derradeiro olhar ao quadro em sua frente, o batom vacilante ganhou movimento e ela encaixou como uma peça de quebra-cabeça um sorriso no reflexo que via. A mulher em sua frente não podia ter mais de quarenta anos. Viu como ela era feliz, pomposa, orgulhosa de quem era, e como esbanjava aquele sorriso em forma de meia lua produzido na superfície fria do vidro. Depositou o batom na penteadeira de madeira nobre enquanto observou a mulher virar seu corpo e partir em direção a porta da frente do apartamento em que vivia para pegar o táxi que a esperava na rua lá embaixo.

## Impressões de um Marianólatra

**FABIN LABEGA**

Desfalcaram-me de um ídolo. Aprendi a “desler” como desmamei (sem lembrar que havia feito). “Ignorantei-me” em goles. Lembro-me que passei a achar inútil, pois havia quem eu lesse que me diminuía e saber não ser capaz é pior

que não saber nada. Pensei em algo inteligente que o seu Ivan diria sobre esse estado de espírito. Talvez o chamasse de Complexo de Riobaldo ou, simplesmente, frescura no cu.

Pois bem... Ele participou do meu emburramento. Ele intimidava-me. Lê-lo dava-me a certeza de que

não sabia escrever. Era uma cadência inteligente e natural em que podiam coexistir o triste e o engraçado como em um filme do Chaplin. Dito o que não sou, plagiarei um adjetivo que ele me ensinou, talvez já prevendo que o usaria pra dizer algo sobre ele: espirituoso!

Sempre invejei os que

riem de sua própria calvície, enquanto eu não suportava “encarecar” ou os que conseguem admitir o bonito no que não lhe trará conforto. Ser agradável não é uma conduta moral, é um talento nato. A impressão que eu tenho é que Seu Ivan cagava talento.



## Informações Turísticas

**Hotéis**  
Chalés Villa di Carpi – Rua Joaquim Vicente Lopes, 260 – Bairro Tanque - 3465 8660  
Grande Hotel Monte Sião – Praça Prefeito Mário Zucato, 70 - 3465 1228  
Guarany Country Hotel Fazenda - 3465 1443/1998  
Hotel Galeria – Pref. José Carlos Francisco, 180 - 3465 2220  
Hotel Guarini – Pres. Tancredo Neves, 231 - 3465 1190  
Hotel Minas Square – Rua Minas Gerais, 530 - 3465 1705/1284  
Hotel Novo Horizonte – Praça Renato Franco Bueno, 64 - 3465 1252  
Hotel Villa de Minas – Pres. Tancredo Neves, 431 - 3465

2429/2718  
Hotel Sion – Praça Pref. Mário Zucato – 3465 2220  
Hotel Dorta’s – Praça Pref. Mário Zucato, 113 – 3465 8141  
Vivas Hotel – Avenida das Fontes, 633 – 3465 6750

**Pousadas**  
Pousada Água da Mina – Rua Lindóia, 100- Parque das Fontes - 9130 2681/8469 5632  
Pousada Monte Sião – rodovia Monte Sião/Ouro Fino – km 05

**Visitação turística**  
Museu Histórico e Geográfico – Rua Maurício Zucato, 115 – 3465 2467 (fechado na 2ª feira)  
Mosteiro da Santíssima Trindade

Mirante com imagem de Nossa Senhora da Medalha, Santa Padroeira  
Porcelana Monte Sião Ltda  
Igreja do Rosário  
Fontanário da Água Virtuosa  
Santuário N. S. da Medalha Milagrosa  
Praça Prefeito Mário Zucato  
Reavida – Recanto de apoio à vida  
Lar S. José – casa dos idosos

Pesqueiro Lago Azul – Bairro Furrier – 9 8411 6333/9 8411 6310  
Pesqueiro Padavini – Rod. Monte Sião/Ouro Fino - Km 19 – (035) 3465 7132

**Jornal virtual**  
Você também poderá ler este jornal através do site:  
[www.fundacaopascoalandreta.com.br](http://www.fundacaopascoalandreta.com.br)

**AGULHAS E ACESSÓRIOS PARA RETILÍNEAS**  
Representante Autorizada da marca KERN-LIEBERS  
**DERBY** Fertil  
Av. Monte Sião, 925 Bela Vista Águas de Lindóia/SP  
(19) 3824.2499  
(35) 99138.0307  
Trabalhamos com remalhadeiras “Compleat” novas e usadas  
- Agulhas e platinas para retílineas  
- Agulhas e ponteiras para remalhadeiras  
- Bobinas e seletrores  
- Óleo lubrificante  
- Kilimp para limpeza interna

**105**  
**AUTO PEÇAS**  
**vivo**  
9 9852 5105  
3465 3105 - 3465 5105

**SEGURANÇA**  
**CATINI**  
**ELETRÔNICA**  
Ligue: (11) 3824-5421 (11) 3824-1094  
Venda e instalação de Alarmes Monitorados e convencionais  
CFTV - Cerca Elétrica  
Locação de equipamentos  
Monitoramento Via Rádio, Internet e Linha Telefônica.  
Solicite um Orçamento sem compromisso!  
Av. Monte Sião, 3333 - Loja 20 - Shopping Uniminas Águas de Lindóia - SP - [www.catinisegurancaeletronica.com.br](http://www.catinisegurancaeletronica.com.br)

## IVAN, O TERRÍVEL

**JOSÉ ANTONIO ZECHIN**

Relutei muito em usar este título. Poderia parecer debochado demais num momento tão solene. Ou uma comparação inadequada demais com aquele xará sanguinário, o arquiduque coroado primeiro czar da Rússia naqueles tempos medievais. Nada tão desigual com o Ivan dono de um pequeno latifúndio mineiro povoado

de duendes e canarinhos da terra, um cavalo magriçela e um galo que atrapalhava meu sono ainda de madrugada, nuns dias em que fiquei generosamente hospedado no sítio. Mas que o Ivan tinha algo de terrível, ah, isso tinha! Principalmente com suas piadas incontidas (hilárias até pelo jeito de contar) que flechavam em todas as direções, sem pena nem dó, fosse quem fosse que estivesse por perto. Como

aconteceu várias vezes comigo, acompanhado de discretas senhoras. O Ugo morria de vergonha. Lembro perfeitamente da primeira vez em que participei desses memoráveis encontros. Cheguei todo circunspecto, com o doutor Marcello ao meu lado, imagina! Pensava com meus inocentes botões, lá só há senhores literatos sisudos, que recitam poesias e vestem fardões. Lembra que por lá já estive-

ra Lourenço Diaféria, de quem era um aficionado leitor; e de Ramos Calheilha, de quem era fã. Mal desci do carro fui recepcionado pelo agitado Ivan (o Ugo ao lado, tranquilo), já com uma “daquelas” piadinhas. Pronto, lá se foi aquela imagem de naftalina que eu carregava em minha mente. Logo vieram as cachaças mineiras, o torresmo, a rúcula. E muita — muita mesmo — conversa fiada. Que eu

me lembre, logo de cara me colocaram numa mesa chamada de “Mesa dos Çábios”, com Hermes, Popo de Sião, Kuaia, Dr. Marcello, o próprio Ugo (de uma simplicidade e gentileza que poucas vezes vi na vida). Todos achavam também que eu fosse um “doutor”. Até descobrirem que eu gostava mesmo era de tomar umas e outras e até de cantar. Música dos Beatles, claro. Mas logo me acostumei com as can-

torias locais, Ivan no violão, seu irmão na flauta. E vieram as poesias, histórias reais e “causos”. Um pouco de tudo o que faz bem para a vida!

Para quem não sabe, nasci em Vinhedo. Mas — a partir daqueles memoráveis e repetidos momentos — Monte Sião se tornou minha segunda cidade. E um pouco do meu coração está enterrado lá, junto com o Ivan e o Ugo.

**IVAN**

Embora eu aqui tenha nascido e coabite com a felicidade, há quase um século, de vez em quando, vago pela cidade para matar as saudades que sinto dela. Agorinha mesmo desci para o Largo do Jardim, na parte onde aparece o saibro antigo, pois que estão trocando o piso por novas pedras de cantaria, vindas de São Tomé das Letras, místicas tanto pela procedência quanto pelos sentimentos e mistérios que brotaram e rondam a Praça.

O saibro, reduzido a pó pelos rapazes e moças que giravam em sentido contrário para “tirar linha”, entrava na bainha das calças — era preciso desvirá-la para limpar — e os sapatos cobriam-se de fina camada de talco, tirando o brilho da graxa escovada. Se a trama de “tirar linha” tivesse êxito, o par ia sentar no banco de cimento, sem encosto, a uma distância de preservação da pudicícia e, não mais que três anos depois, pegava-se na mão ou, agora de braços

cruzados, anunciava-se, com alvoroço, o noivado. Estava salva a macarronada de domingo na casa do sogro.

Sem televisão, novela e WhatsApp, o Jardim fervilhava, as moças na expectativa da mensagem que o Flívio Monteiro enviava pelo microfone, na casa vazia de dona Alda, ao alto-falante do coreto: “Ouviremos, a seguir, na voz de Orlando Silva, a valsa ‘Lábios que beijei’, que **ALGUÉM** apaixonado oferece à moça de saia godê, vermelha, com babado na barra, sapatos de verniz e fivela”. Todas se olhavam na esperança de ser **ELA**. Não fosse, bastava aguardar por outra boanova do locutor.

Se as esperanças de mis-

turar os trapos vinham em janeiro pela mesma voz do muezim Flívio, então, era tempo da quermesse de São Sebastião, com a banda velha, o leilão de prendas, o leilão de assados, o leilão do bolo enviado pelo “Festeiro” do ano, onde contendores do PSD e UDN se digladiavam no arremate da prenda, fazendo lances cada vez maiores, para mostrar “Quem é que eu sou” ou “Perco na eleição, mas ganho no leilão” ou, ainda, “Ganho lá e dou surra aqui”. O bolo era solenemente devorado pela família vencedora a preço de três bois.

E tinha corrida de saco, de ovo na colher, pau de sebo, correio elegante, o Sérvulo de Souza Dias cantando a vispora

— “Agora vai correr um frango assado; menor de 14 anos, se bater, não é val’do”, engolindo o i para realçar o L, o Vito Ciaffa vendendo pirulito no tabuleiro, o Dito Virgílio, canudos de doce de leite, a Marcula oferecendo tudo o que leva açúcar em sua mesinha ocupando a calçada. A vida parecia não tinha pressa ou era preguiçosa.

Se você, por misericórdia ou distração, leu até aqui, sugiro procurar na mala de papelão os guar-

dados de sua mãe e, se lá encontrar restos de babado vermelho e uma fivela desbotada, dê brilho aos olhos, escancare a boca e saia gritando, mostrando aos irmãos: “É ela, é ela, é ela”. **ELA** estará sentada à mesa, com os dedos presos nos dedos do seu “**ALGUÉM**”, os dois retraídos em furtiva sengraceza — do modo que convém diante do filho enxerido — lembrando a bonita voz de Flívio que os uniu.

O Largo do Jardim grew amores, feneceu espe-

ranças, deixou lembranças, assim como faz com suas flores. E eu, sobrevivente, com as memórias vivas, porém embruscadas na poeira do saibro, dou graças e não me esqueço de me dizer, ao cruzar com uma senhora começando a se alquebrar sob o entulho dos anos: é ela, pode ser ela. Mas, o vestido, como os tempos, é cinza; sem babado. Ainda mais que agora o Flívio compõe a “Colcha de Retalhos” que o Eraldo, filho, cerziu para ele quando emudeceu.

*N. R.: Todos os meses publicaremos nesta coluna uma das crônicas do Ivan que farão parte do livro Crônicas da Minha Gente, a ser publicado em breve*

## CRÔNICAS DA MINHA GENTE MATANDO SAUDADES

— “Agora vai correr um frango assado; menor de 14 anos, se bater, não é val’do”, engolindo o i para realçar o L, o Vito Ciaffa vendendo pirulito no tabuleiro, o Dito Virgílio, canudos de doce de leite, a Marcula oferecendo tudo o que leva açúcar em sua mesinha ocupando a calçada. A vida parecia não tinha pressa ou era preguiçosa.

**JAIME GOTTARDELLO**

Como a maioria das pessoas, sempre tentamos nos convencer de que a morte não virá para algumas pessoas que amamos, nunca esperamos que um grande amigo vá partir um dia. E, de repente, a gente se pega tentando lidar e entender a sua ausência. E atravessamos altos e baixos emocionais e, de um modo ou de outro, a vida da gente acaba mudando e depois segue seu ritmo natural. Mas, ainda assim, por um período variável de tempo, nossa percepção da ausência se mistura com um sentimento de perda da nossa própria identidade.

## Aplausos e risos

Os amigos desempenham um papel importante em nossas vidas, especialmente se considerarmos que as amizades são escolhidas por nós, e não automáticas. Quando um grande amigo nos deixa, podemos não saber o que fazer em seguida, ou como lidar com nossa dor. Um amigo representa muitas coisas - um confidente, um ombro para se apoiar e, às vezes, um relacionamento mais próximo até do que um irmão. Como meu pai e meus avós, meu amigo e colega Ivan foi um dos pilares na minha formação ética, moral, senso de honra e correção. Agradeço e me esforço para ao menos estar um pouco à altura de todos eles.

Sempre soubemos que a música tem um jeito próprio de tocar a alma. Tem um poder especial de curar quando estamos de luto pela perda de um ente querido. Vamos então cantar e brindar a quem muito fez pela cultura de nossa cidade, não só através de seus escritos e trabalho constante, mas também pela música que ele trazia enrustida na alma.

Apenas tenho agradecimento, aplausos e risos, e não vou derramar numa lágrima sequer para o meu amigo que cruzou o rio. Não seria justo. Quem tanto me fez sorrir não merece uma lágrima de dor. Se assim eu fizesse, estou certo de que ele iria corrigir este texto...

## Conversa de violões - III

**LUIS FRACAROLI**

Prezado companheiro de cordas e de ofício:  
Por maior que seja este nosso sacrifício  
Todos temos a nossa missão a cumprir  
Isso também vale para as nossas sonoras vibrações  
Pois é a nossa maneira de transmitirmos emoções  
Portanto, vamos juntar forças para prosseguir

Eu sei que a ausência das mãos que nos tocam  
Intensificam estes momentos que nos chocam  
Ao sabermos que viajaram para outra dimensão  
E se as recordações por um lado nos sufocam  
Por outro lado elas nos instigam e provocam  
O nosso compromisso de fé e de profissão

Por isso devemos continuar com a nova geração  
Pois nós, como instrumentos, somos elo desta ligação  
Que com certeza foi planejada pelo Criador Celestial  
Certamente é a Sua maneira de perpetuar o amor  
E assim evidenciar e propagar o verdadeiro valor  
Da união, do respeito e do companheirismo leal

Doravante ao entoarmos “Noite cheia de Estrelas”  
Se olharmos para o céu iremos percebê-las  
Com um brilho de muito maior resplendor  
É a Estrela d’Álvaro que se manifesta  
Dando boas-vindas em clima de festa  
Por ter recebido tão ilustre morador

Ao grande Mestre e Amigo, Sr. Ivan: a minha eterna gratidão pelos ensinamentos, pela infinidade de grandes momentos que passamos juntos e, principalmente, pelo belíssimo rastro de luz que nos deixou para podemos segui-lo.

**E SE**

**VISITE**

**ENCANTE**

*Museu Histórico e Geográfico  
de Monte Sião*

# MAIS RESPEITO COM O PORTUGUÊS NO. 23

## ISMAEL RIELI

Cuidado, são femininos: a cal, a hortelã, a alface

Aposto  
“é uma palavra ou expressão que explica ou esclarece, desenvolve ou resume outro termo da oração” Cegalla

Ivan, meu saudoso primo, nosso Rubem Braga, publicou, pelas páginas desse nosso jornal mais de 800 saborosas crônicas.

Capador de porco, de leitoa e de cadela, Onofre alugava cavalos

Julio César, Imperador Romano, frasista famoso, morreu apunhalado nas escadarias do Fórum Romano.

Monte Sião, capital nacional do tricô, acolheu muitos imigrantes Italianos.

Cicero, tribuno eloquente, desancava Catilina.

O coronel Amâncio, fazendeiro cheio de grana, foi procurar o Governador.

Bendito o fruto do nosso ventre, Jesus.

Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós, pecadores

Salve Rainha, mãe de misericórdia, vida, doçura, esperança nossa.

A vós bradamos, degredados filhos de Eva.

Pe Robson, ás das Homilias, presidente da Afipe, reitor do santuário do Pai Eterno, comprou, na Polônia, um sino por 6 milhões de reais

Flordelis, uma flor tóxica, planejou a morte do marido.

## TANCREDO E TIRADENTES

O Tancredo Neves chegou lá no céu e encontrou Tiradentes. E ele falou:

- Joaquim José da Silva Xavier, o Mártir da Inconfidência! Mineiro como eu, de São João Del Rey, deu a vida pela liberdade do Brasil! Eu também, Joaquim José...eu, como você, entrei na faca, fui retalhado que nem você...

E o Tiradentes:

- é... mas o senhor foi com anestesia geral, né?

(ARY TOLEDO)

Parricídio - Parricida

Aquele que mata o pai.

O Pastor Anderson do Carmo, que, antes de ser marido,

foi filho adotivo e genro da pastora e deputada federal pelo Rio, Flordelis, uma flor que não se cheira, foi morto por alguns de seus 55 filhos, a pedido da famigerada pastora.

Como é que uma picareta desse naipe se elege com quase 200 mil votos?

Eta estado porreta, o Rio de Janeiro, que elege Governadores, Senadores, Deputados e Vereadores que não valem o que o gato enterra!

Julio César que acabou dominando todo o vasto Império Romano, (inicialmente, no triunvirato, lhe coube a Gália e depois ele escanteou Pompeu e Crasso) foi um grande estrategista e um grande frasista. Algumas de suas frases passaram pra História, como as 3 coordenadas assindéticas: veni, vidi, vici: - vim, vi, venci.

Quando chegou às margens do rio Rubicão, um fiumicino, menor que o rio de Lindóia, que limitava a sua Gália, com a parte que pertencia a Pompeu, proferiu a célebre conclamação: “alea jacta est”, a sorte está lançada e venceu mais uma vez.

Consta que, assustado com a presença de Brutus, seu filho adotivo, entre os algozes que o apunhalaram nas escadarias do Forum Romano (que lá está até hoje) teria proferido sua derradeira frase pra história: tu quoque, Brutus, fili mi! até tu Brutus, meu filho! Quando se estudava latim no ginásio, traduziam-se trechos do De Bello Gallico, Da Guerra da Gália de César que começava assim: Gallia divisa est in partes tres...

Numa desavença besta, entre cavaleiros, numa encruzilhada, Édipo acaba atingindo Laio mortalmente.

Laio, marido de Jocasta, era o Rei Tebas. O casal exultou com a gravidez de Jocasta (Vera Fischer), mas a pitonisa -muito respeitada acabou-lhes com a alegria.

Vai nascer um menino homem que vai matar o pai. De fato, nasceu um guapo nenê, que foi entregue a um encarregado de dar-lhe um fim. O contratado não teve coragem de matar o bebê, preferiu pendurá-lo pelo pé num galho de árvore no topo de um morro

para os abutres devorarem-no. Por sorte, passou por lá um pastor que colheu Édipo que significa - o de pé inchado.

O pastor levou o bebê para o Rei de Corinto, que o criou e educou com esmero até o fatídico encontro na encruzilhada.

Em Tebas a esfinge devorava a população: um por dia, até que aparecesse alguém que lhe desvendasse a charada. qual animal que anda com quatro, com duas e com três patas? Édipo resolveu: o homem, que engatinha, vira bípede e, velho usa bengala.

Agradecida, a população quis Édipo como Rei, já que o trono estava vago. Deram-lhe o trono e a viúva e Édipo se casa com a mãe biológica, Jocasta (diferente da Flordelis que se casou com o filho adotivo)

Tiveram 4 filhos Antígona, Ismênia, Polinice e Eteócles.

Uma onda de desgraças - peste, inundações, fome - assolou Tebas.

Essas desgraças, segundo Apolo, oráculo das profecias, só acabariam, quando fosse encontrado e punido o assassino de Laio.

O matador contratado confirmou que não tivera coragem de matar o bebê.

A verdade surgiu cristalina, nua e crua, Jocasta suicidou-se. Édipo se furou os 2 olhos. inesquecível esta cena com Paulo Autran.

Sófocles, a isso que se chama uma verdadeira tragédia Grega! Um parricídio involuntário.

Daí que vem com Freud, o complexo de Édipo: o filho ama a mãe e abomina o pai, seu concorrente.

Está no sangue!

Rápida no gatilho, Alessandra assumiu o papel do pai, Ivan, e esse nosso mensário continua forte e rijo, sem solução de continuidade.

E o ataque inglês no nosso português continua hater: termo usado para descrever pessoas que, pelas redes sociais, manifestam ódio e ofensas.

Do verbo inglês hate=odiar

O hater é um odiador

Odientos e odiosos é como os reputamos

Foi o Pr. Everaldo, Presiden-

te do PSC, hoje devidamente trancafiado no complexo do Bangu, que, em maio de 2016, batizou, nas águas do rio Jordão, o capitão reformado.

O que gerou comentários de; Joaquim Salomão, de Curitiba!

“essas pessoas deveriam ter sido batizadas no Rio Tietê”

De Vicente Oliveira, de Macaé

“Isso não é batismo nas águas, é poluição das águas. É preciso uma ação urgente do Greenpeace”.

Não escapa ninguém: João de Deus, o tarado de Abadiânia;

Pastora Flordelis, deputada federal, acusada de mandante da morte do marido; Pe. Robson de Oliveira, reitor da Afipe de Trindade (GO) acusado de desviar donativos de fiéis, pastor Everaldo, líder partidário preso por desviar recursos públicos na área de saúde. Pelo visto, a corrupção do coração humano é ecumênica e laboriosa no escamecimento do nome de Deus.

(Tulio Carvalho de BH)

Se tu fosses uma árvore

Eu queria ser cipó:

Vivia em tí enroscado,

Em teu corpo dando nó...

Comer, beber, já não posso...

O que foi que aconteceu?

A boca não quer perder

O sabor do beijo teu

Se o olhar fosse alfinete

E que desse alfinetada,

Estavas toda furadinha

Como renda de almofada

Deus fez os teus belos olhos

Para ver e para encantar...

Mas a min só fez os meus pra

te ver e pra chorar

Menina dos olhos grandes,

Olhos grandes como o mar,

Não me olhe com tais olhos,

Posso neles me afogar...

Abaixa-te Serra Negra,

Deixa ver Mogi Mirim...

Quero ver se aquela ingrata

Inda se lembra de min.

## O Canto da Poesia

### Secando saudades

No varal  
da vida  
dependuro  
esta poesia

Rios  
de saudades  
estendo  
pra secar

Vidas  
que se foram  
povoam  
meu destino

Lágrimas  
que o sol  
demora  
pra enxugar

Eraldo H. Monteiro

### Seu Ivan

Isso não é mundo prum Ivan Mariano,  
Esse clima odiento, avesso à beleza  
Natureza lamenta nas ondas do mar  
Ventos imundos, multidão de bravata  
Sem abraço sem pinho e sem serenata.  
E meus olhos profundos em vão me mirando  
Enquanto definho na ausência do bar.

Esses, que não são tempos de Ivan Mariano –  
Que toca instrumento buscando contar  
O mundo que cria, queria criar  
Labutando na lida, do dia, dos anos  
Fundando cultura, cultuando o lar  
A terra os livros cantoria e luar –  
Me vão marejando a alma e o olhar.

Que será de nós sem Ivan Mariano?  
Sua cidade pacata, de povo tacanho  
País destamanho de sonho e penar  
Suas sementes bastantes, mas solo arenoso  
Futuro idoso de tanto esperar  
As varandas cerradas, piadas caladas  
Desvãos minando lembrança e pesar.

Temos que prometer pro Ivan Mariano:  
Tecer o adiante, radiante e altivo  
Manter sobrevivo o que ousou almejar  
Latifúndio de ideias museu produtivo  
Sorriso inclusivo pra se aconchegar  
Vivência em prosa, ação, melodia  
Querência de mundo mais culto, mais belo  
Perseverando a alegria dum choro singelo  
Seu Ivan memorando. E continuar.

Bruno Labegalini



# Monte Sião

A Capital Nacional da Moda em Tricô

Setembro de 2020

N.º 579

## ANIVERSARIANTES DO MÊS

### OUTUBRO DE 2020

Dia 01 Helen Cristina Moraes Luiz Francisco Faria Ingrid Ap. Toledo Cecília, Gatinha do Jornal - Dez/2011	Antonio Nivaldo Diniz Dia 15 Alan Gaioto Benatti Jair Francisco Odicino Roseli Gomes de Moraes Dia 16 Luiz Augusto V. Labegalini, Maringá/PR Ivone Abrão Mussi Silva Maria Ely Monteiro Castagna Valdene Reis Canela Pery de Oliveira Costa Suely Monteiro de Godoy, São Paulo/SP Dia 17 Andiara Silveira Andreta, São Paulo Benedita Natalina Augusto Carlos Otávio Alves Pereira Dia 18 Helena Monteiro Mussi Marina Righete Patrícia Campos Freire Lourdes Labegalini Monteiro Dia 19 Júlio César Artuso Jheniffer Moraes de Oliveira Deyse Maria S. Labegalini, São Paulo Maria Regina Nicioli, Jundiaí/SP Isabela A. Lamare A. Ruiz Rafaela de Castro Canela Ivanir Comune Bernardi Ana Lúcia Queiróz Righete Dia 22 Henrique Monteiro Guinesi Marco Antonio Alves Tatiana Bourghet Machado Ana Rita de Paula Martins Elzir Moreira da Costa Dia 23 Luiz Righete Dia 24 Flávia Regina de Souza Costa Rogério Jácomo Batista Aurea Comparim, Santo André/SP Dia 25 Getúlio Brasil de Oliveira Ronny Bernardi Silvério Áureo Massao Saguisaka Dia 26 Tatiane Antunes da Costa Dia 27 Cristiano Caroli Dia 28 Karina Monteiro Dia 29 Aline Simões Comune Jorge Luiz G. Silva Adriana Righete do Amaral Mário Márcio Zucato Dia 30 Bruna Suélen Del Kuminwpfer Fábio Monteiro Reginato Maria de L. Souza Bueno Walkiria Canela Dia 31 Carlos Adalberto Daldosso Madelaine Genghini Dra. Rosa le Grazie
Dia 02 Gabriel Labegalini S. Pupo Orlei Ap. Labegalini Everaldo Luiz L. Oliveira Dia 03 Thais Pereira Vilas Boas Lara Rielli Dematei André Labegalini Dia 04 Francisco Otávio Gottardello Vinícius Gottardello Lopes Vítório Francisco Biscuola, Natal/RN Dia 06 Priscila Tavares da Silva Mônica Zucato Maria Edna Zucato Rafaela Jácomo Batista Lucas Gomes Cruz Labegalini Dia 07 Alexandre da Fonseca Jorge da Silva Shinohara Marcos da Silva Shinohara Rita de Cássia Bernardi Lourdes M. Corrêa Ribeiro Ediana Cláudia Silvério Edvaldo Takahashi Dia 08 Ana Carolina Bossi Veloso João Vitor Couto Odicino Alexandre Cley Araújo . Maria Antonieta Z. Gaspari Jair Francisco Ruiz Gessy Gottardello de Bacellar Dia 09 Dalva Ap. Souza Bueno José Rafael de Castro Ribeiro Benedito Mendes C. Sobrinho Cássio Bernardi Ruiz Julines Martins Vedovoto Mariana Silvério da Silva Priscila Ribeiro Corrêa Eliana Labegalini Marcos Aurélio Domingues Dia 11 Ramiz Caetano Monteiro, nosso conterrâneo, residente em Philadelphia, USA Cássio Righete Souza Bueno Cristiane Evangelista Dia 12 Marina Ap. Barbosa Virgílio Maria Ap. Monteiro Reginato Benedita Marques Corrêa Dia 13 Lucas Righetto Pastre José Alexandre Macedo Cleuza Alves Danilo Brumer Le Grazie Lais Rossi Oliveira Daniela Canela Janete Righete Aline Antunes da Costa Ádina Maria P. Machado Dia 14 Evaldo Gomes da Silva Roselene Veloso Labegalini Cristina Tavares Bressan	

A todos, as felicitações da redação.

## PORCELANA MONTE SIÃO

BIBELÔS EM GERAL - CANECAS PARA CHOPP  
VASOS - CINZEIROS PARA BRINDES, ETC.

A única que produz PORCELANA AZUL e BRANCA no Brasil  
AGRADECEMOS SUA VISITA  
Rua Sete de Setembro - Tel.: (35) 3465-1117 - Monte Sião - MG

## CASA DAS MASSAS

Pães e Massas Especiais  
Panetones e Congelados

Rua J.K. de Oliveira, 1.170  
Fone 3465-1368  
Monte Sião - MG

## ACM

ADRIANO - CHARLES - MAURICE  
CONTABILIDADE

(35) 3465-1635  
3465-4404

R. Juscelino K. de Oliveira, 1102 - Centro - Monte Sião | MG

## Laboratório de Análises Clínicas Bioanálise

Bioquímico: Ferdinando Righetto  
● **Teste do Pezinho ampliado**  
● **Credenciamento com os Laboratórios:**  
GENOMIC (Teste de DNA) - CRIESP e SAE (São Paulo)  
HERMES PARDINI (Belo Horizonte)  
Rua do Mercado, 866 - Tel (35) 3465-1714 - Centro - Monte Sião/MG

# ÚLTIMOTREM

Não sei se você já passou por esta experiência (eu já), e recomendo: participar da missa através do rádio. Não na televisão. No silêncio de sua moradia. Você apenas ouve, enquanto seus olhos passeiam pelas imagens de sua casa. Seus pertences. Tudo o que você ama, mas também aquilo que dói em você. Uma lembrança aqui, outra acolá. É diferente de estar dentro de uma igreja. No lugar das imagens de santos, você pode olhar para os porta-retratos de seus pais e filhos. Observar o céu através das frestas das árvores. Pode reparar nas flores do jardim. Encher os pulmões com o ar trazido pelas brisas. De repente, passa um passarinho cantando. É uma coisa mágica. Você sente a presença de Deus na natureza. As mensagens do Testamento parecem se aprofundar dentro da gente. Ajuda a despertar a nossa fé. Experimente. Você vai gostar. Vai descobrir que Deus está em todos os lugares... Principal-

mente dentro de você!

**José Antonio Zechin**

/=/=/

Riders Rosini, natural de Monte Sião, formado em gastronomia, venceu um concurso de cervejas artesanais – nível Conceito – em Lima, Peru, onde reside há oito anos.

Para conhecer mais do trabalho de Riders, acesse o instagram @taytafermentos

O Monte Sião deseja a Riders sucesso!

/=/=/

No dia 19 de setembro o Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião recebeu a visita de um grupo de influenciadores digitais. Conheceram o acervo e receberam da diretoria da Fundação

Pascoal Andreta um dos livros de Lourenço Guireli Jr e a última edição do jornal Monte Sião.

/=/=/

**Errata:**

Na edição nº 578 do Jornal Monte Sião, publicamos incorretamente a lista dos aniversariantes do mês de setembro. Assim, nesta edição publicamos os aniversariantes de setembro e outubro. A redação pede desculpas a todos!

/=/=/

**Falecimento**

Faleceu no dia 18 deste mês, Hilda Lúcia Grossi Paschoal, 67 anos. Hilda era irmã do poeta e cronista José Carlos Grossi, o Kuaia, colaborador desse jornal.

Enviamos nossos pêsames à família

## A senhora das árvores

re e por ela foi abençoada – e seguiu em frente. Certa tarde, ela me contou o acontecido como se tudo não passasse de uma nuvem, de uma brisa de jardim, ou canto de passarinho. E sorriu.

E a solidão que a saudade sempre cultiva está em mim. A solidão de Emília é a herança que ela me deixou, sem querer, apenas por dever de ofício, pela senhora solidária, que sempre foi, e que nunca deixou de abrir o portão da sua casa para um pedinte, ou para o carteiro ou para um forasteiro em busca do nome de uma rua – e todos eles ganhavam uma xícara de café antes de seguir os caminhos de suas solidões. E Emília retornava à solidão de seus sonhos matriarcais, à proteção de seus filhos, netos e bisnetos, sempre cantando no salão grená onde a sua alma de artista bailava e brilhava como no chão de sua casa, nas panelas e vidros da cristaleira, nos seus olhos jabuticabados, negros, em rima com as ondas de seus cabelos de graúna, onde nascia água e flor, como cantavam Tonico e Tinoco – e também eles são pedras nos caminhos da minha solidão.

Tem gente que não gosta de solidão e evita lembrar o acontecimento tão natural como o oxigênio respirado, como a água que se bebe. A solidão é natural de quem nasceu, seja homem, mulher, peixe, bicho, ou uma tiririca de jardim ou quintal. A rosa do jardim está em solidão de sua

própria beleza, assim como as flores que Emília gostava de colher para fazer arranjos, sem frescuras estéticas: apenas as colhia e colocava em um vaso enorme que morava no centro da mesa enorme da sua sala – onde cabiam todos os seus filhos e netos. E nela também tinha um lugar, ao lado da sua alegria, na cabeceira onde ficava o companheiro de vida, o Antônio Ribeiro, marceneiro de árvores, senhor de poucas palavras e amado pela Senhora das Árvores. E assim me alimentei à companhia de Emília e Antônio, ao lado de seus seis filhos e filhas, de uma família unida em torno da paixão de um pai e de uma mãe Senhora das Árvores.

A solidão está em mim. Cada árvore da minha calçada é um pedaço da Senhora das Árvores. E em cada pedra portuguesa derramo um olhar de solidão, um pedaço da saudade que carrego no embornal da minha vida. Estou em solidão da Senhora das Árvores. Tenho tantas lembranças e a saudade dela aumenta com a distância do Tempo. E assim ferve uma água para fazer um café. Em sua homenagem. E assim fico feliz com o sabor da língua das minhas lembranças – e não necessito de companhia para tanto. No fundo, Emília e eu sempre vivemos carpindo a nossa solidão. Ela a Senhora das Árvores, e eu, apenas um escriba de suas sombras, um andarilho das palavras.

Bom dia.

## ANIVERSARIANTES DO MÊS

### SETEMBRO DE 2020

Dia 01 Luiza Righeti Amaral Maria Ap. Labegalini Tatiana Virgílio Comune Célia Pereira S. Freire Edmárcio de Souza Bueno Dia 02 Celso Damasceno de Souza Lourdes H. Moreira, P. Alegre/MG Márcio C. da Costa Vera Lúcia G. de Moraes Rodrigo Giglio Zucato Bruno Daniel A. Faria Dia 03 João Carlos Genghini Maira de Souza Rony Martins Vedovoto Mônica Labegalini Cauã Guireli Elisete Comune Acácio Cétolo Dia 04 Mariane Mariano Silva Clara M. Nicioli Cirioni, Jundiaí/SP Dia 05 Iraci Aparecida Freitas Tiago Comune Barros Dia 06 Aparecida Glória Bernardi, Valinhos/SP Túlio e Heleno Guireli Elaine Cristina M. da Costa Eliza Akini Shimoda Dia 07 Angelina B. C. Simões Guilherme Gotardello Fernanda B. Andrade Simone de Souza Dia 08 José Ap. Dorta Machado Camila Comune Daldosso Michel Caroli	Dia 09 Maria Ap. Luz Labegalini, Londrina/PR Dia 10 Irineu Labegalini, Londrina/PR Ana Lúcia Santos Dia 11 Maria Imaculada de Oliveira Romildo Labegalini Dia 12 Pedro H. Coelho Marcelino Bruna Dias e Silva Alome Acorsi Comune Dia 13 Luigi Gottardello Fonseca Nathália de Godoi Dia 14 Ana Carolina G. Silva Michel Coutinho de Souza Fátima Ap. da Costa Gabriela Pennacchi Fabrícia Araújo André Luiz Messias Dia 15 Amanda C. P. Pennacchi Isabel Regina B. C. Ribeiro Alexandre Kuroda, São Paulo/SP José Sabino Bueno Dia 16 João Tadeu D. Machado Mariana C. Pereira Varoni Alyne Labegalini De Nez, Marumbi/PR Dia 17	Eduardo Cândido de Godoy José Carlos F. Vilas Boas Norma S. Trindade, Santos/SP Aline Monteiro V. Brunialti Dia 18 Patrícia Zucato Dizeró Érica Araújo Vitor Henrique U. Biscuola Felipe Gomes da Silva Dia 19 Gilberto Costa Bruneli Edina N. G. Labegalini, Apuarana/PR Benedita S. H. Machado Dia 20 Heloisa Helena Genghini André A. dos Santos Dia 21 Eliana Bourgeth D. Machado Giselda Monteiro Guinesi Fábio Glória Rita S. B. Castro Gonçalves Maria da Conceição José Luiz Andreta Priscila Ribeiro Zucato Dia 22 Camila Rosiene Barbosa, Gatinha do Jornal em dezembro de 2008. Vânia Maria Pioli Labegalini Irene Labegalini Zucato Rogério Artuso Mariana Artuso Adilson José Queirós Willian Comune Barbosa	Hélio Aparecido Gomes Benedita Stela J. Canela Antonia Ap. Martins Ribeiro Dia 23 Ana Lúcia dos Santos, Gatinha do Jornal em Maio de 2007 Luiz Righeti Roberto Jacomassi Augusto, RJ/RJ Mª de Lourdes V. Labegalini, Maringá/PR Dia 24 Ronaldo A. Labegalini Meire Regina Labegalini Enevaïne da Silva Martins Renata Comune Fiori Marcela Cristina Renção, São Paulo/SP Pedro Henrique Monteiro Dia 25 Fanny Gnecco de Calhella, da diretoria da Fundação Ernestina Ota Izumi Alcina G. Otaviano Miranda Isabel Cristina Barbosa Dia 26 Antonio Edmar Guireli, colaborador deste jornal -Valinhos/SP Ana Eliza Fernandes Dia 27 Leonides Labegalini, Maringá/PR Dia 28 Mariane Maglioli Bréscia Camila Costa P. Bueno Dia 29 Irmã Andréa Comune Eliane Comune Roger Campos Freire Cláudia Amaral Macedo Dia 30 Bruna Antunes da Costa Marcelo Ricardo Labegalini.
--	--	--	---

A todos, as felicitações da redação.

Nossos avós já compravam na

## Loja do Plácido

A mais antiga da cidade - Desde 1922

TECIDOS - CALÇADOS - CONFECÇÕES - CAMA - MESA - BANHO

Rua Presidente Tancredo Neves, 194

Fone: 3465-1144

## ELETRÔNICA MONTE SIÃO

Everson Labegalini

Peças e Acessórios para  
Áudio e Vídeo

Rua: Carlos Pennacchi nº 60 - Loja 5 - Centro - Monte Sião / MG

Cel.: (035) 8404-5136